

### RACISMO E EDUCAÇÃO:

#### Possibilidades (est)ético-políticas

*Alex Sander da Silva*

Docente pesquisador no PPGE (Programa de Pós-graduação em Educação) da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2850514083704546>; Orcid: 0000-0001-7767-2962

*Silvana Mazzuquello Teixeira*

Mestra em Educação pelo PPGE (Programa de Pós-graduação em Educação) da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3608108834906585>; Orcid: 0000-0002-1243-4266

*Guilherme Orestes Canarim*

Mestrando em educação pelo PPGE (Programa de Pós-graduação em Educação) da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense);

Bolsista CAPES.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9823470495869158>; Orcid: 0000-0002-0945-9075

**Resumo:** Neste trabalho, propomos uma possível aproximação entre autores como Michel Foucault (1979;1988; 2005; 2008a/b; 2010), Achille Mbembe (2017a/b; 2018), Adorno (1983) e Da Silva (2019, 2021, 2022) entre outros, a fim de discutir alguns aspectos de um entendimento sobre o racismo, enquanto uma tecnologia política de poder e a educação, como forma de subjetivação das relações de poder, tendo em vista nosso contexto contemporâneo. A ideia é integrar os conceitos abordados pelos estudiosos e refletir sobre a situação emergente da educação brasileira, bem como discutir algumas possibilidades teórico-metodológicas e conceituais nesse campo. Buscamos, então, elaborar uma pesquisa qualitativa com caráter bibliográfico, de modo ensaístico, sobre as condições da educação e sociedade brasileira. Nesse sentido, o objetivo desse ensaio é discutir alguns aspectos dos desdobramentos da educação como elemento da necropolítica no Brasil.

**Palavras-chave:** Racismo; Poder; Educação.

**Abstract:** In this work we propose a possible approximation between authors such as Michel Foucault (1979;1988; 2005; 2008a/b; 2010), Achille Mbembe (2017a/b; 2018), Adorno (1983) and Da Silva (2019, 2021, 2022) among others, in order to discuss some aspects of an understanding of racism, as a political

technology of power and education, as a form of subjectivation of power relations, in view of our contemporary context. The idea is to integrate the concepts approached by scholars and reflect on the emerging situation of Brazilian education, as well as discuss some theoretical-methodological and conceptual possibilities in this field. We seek, then, to elaborate a qualitative research with bibliographical character, in an essayistic way, about the conditions of Brazilian education and society. In this way, the objective of this essay is to discuss some aspects of the unfolding of education as an element of necropolitics in Brazil.

**Keywords:** Racism; Power; Education.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, propomos uma abordagem que busca estabelecer conexões entre autores como Michel Foucault, Achille Mbembe, Adorno e Da Silva, dentre outros, para discutir aspectos relevantes da relação entre racismo, tecnologia política de poder e educação como forma de subjetivação das relações de poder na atualidade.

Essa aproximação teórica nos permite refletir sobre como o racismo se manifesta em diferentes esferas da sociedade contemporânea e como ele está intrinsecamente ligado a mecanismos de poder que atuam em diversas dimensões da vida social, como a educação. Ao analisar esses temas sob uma perspectiva interdisciplinar e crítica, buscamos compreender os processos que subjazem às relações de poder e como eles afetam diferentes grupos sociais.

Muito se fala em crise, mas essas crises não são explicadas, apenas apontadas, diagnosticadas. A crise acontece, por exemplo, quando o Estado já não consegue absorver os conflitos econômicos, e para garantir o espaço mercantil, enxuga direitos sociais e humanos. As políticas públicas tornam-se terreno baldio dos governos.

Como salienta Mbembe (2018), o Estado, que antes suspendia a morte para ter controle da vida, agora simultaneamente se vale da morte para conseguir administrar uma permanente gestão da miséria. O racismo faz parte da biopolítica, e a necropolítica surge como um novo patamar da relação do poder estatal entre a vida e a morte. Nesse contexto, corpos negros são descartáveis. Logo, o direito, que era para ser algo fácil e de graça, torna-se uma luta constante.

Vale ressaltar que, no contexto desse trabalho, o termo negro faz referência ao conceito de devir-negro, do filósofo camaronês Achille Mbembe. Nesse conceito, o autor denuncia um processo global crescente de precarização, empobrecimento e superexploração que vem paulatinamente assemelhando todos os afetados a condição de negros, isto é, um processo que vem imponto

progressivamente a todos os despossuídos as condições de marginalidade, violência e exploração perpetradas contra os negros.

Nesse cenário, a ideia de direitos surge como um doador de sentidos, constituindo identidades aos cidadãos; porém, nem todos conhecem seus direitos. Mesmo um direito básico de todos, como a educação, que é bem documentada e declarada por vários órgãos internacionais e pela Constituição Federal do Brasil, ainda é burlada e retirada de parte da população, sendo esta porcentagem já pré-determinada, pela cor e pela classe. Além disso, o acesso à formação não garante, por si mesmo, a possibilidade educativa. Infelizmente, a educação tem sido apresentada como uma forma de subjetivação das relações de poder.

Com isso em mente, queremos elaborar uma pesquisa qualitativa bibliográfica, voltada para a análise das condições da educação e da sociedade brasileira. Buscamos examinar, de forma ensaística, alguns aspectos dos desdobramentos da educação como elemento da necropolítica no contexto brasileiro.

Compreendemos que a educação é um elemento crucial para o desenvolvimento de uma sociedade justa e igualitária, mas também reconhecemos que ela pode ser utilizada como uma ferramenta de controle e opressão, especialmente quando sequestrada aos interesses de certas burguesias. Nesse sentido, é fundamental investigar como a educação está sendo utilizada no Brasil, em meio a um contexto político e social marcado por desigualdades, violência e exclusão.

Para tanto, nos propomos a realizar uma discussão crítica de diferentes obras e estudos sobre o tema. Por meio dessa pesquisa, esperamos contribuir para a reflexão sobre as relações entre educação e poder, e para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, em que a educação seja um instrumento de transformação e emancipação.

## DO QUE FALAMOS QUANDO DIZEMOS EDUCAÇÃO?

A educação, em especial na escola, pode se tornar um palco de crueldades para os estudantes, quando não os prepara para um convívio social com as diferenças, sejam elas raciais, sociais, de gênero ou de classe. Para Carneiro (2015), quando essas diferenças são inferiorizadas por uma instituição do Estado, as consequências podem ser ainda mais intensas, podendo se manifestar a partir de problemas emocionais, profissionais e de relacionamento, inclusive na sua vida adulta.

Dessa forma, de maneira indireta, ela acaba por reforçar o racismo estrutural, quando não apresenta aos estudantes o conhecimento de intelectuais negros, quando os priva do conhecimento decolonial, da história da África e da cultura afro-brasileira e indígena, e apresentando comportamentos racistas que por si só são excludentes (CARNEIRO, 2015).

Considerando tudo isso, a educação é, como apresenta Calheiros (2021), uma instituição social que, num certo sentido, é simultaneamente privilegiada e ambígua. Como ela trabalha no âmbito de produção simbólica, de constituição subjetiva, produção da formação cultural, intelectual, ética, política e estética dos sujeitos, ela tem, então, nas mãos muitas das ferramentas e das tecnologias de poder.

Estas dinâmicas e processos de silenciamento, violência, controle, regulação e de formação das mentalidades, podem ser pensados para favorecer e impulsionar o desenvolvimento de uma consciência antirracista e crítica. Contudo, podem também, em muitos casos, responder simplesmente à lógica política, no sentido do poder da violência e da regulação, da vida e da morte, que só responde ao interesse de uma ética simplesmente econômica, que leva a vida dos sujeitos a uma posição de objeto e de mercadoria (SILVA, 2022).

Essas situações demonstram a importância dos processos e do pensamento antirracista e crítico; entendidos aqui como um conjunto articulado de iniciativas voltadas a facilitar o diálogo social. Por meio do uso consciente de abordagens educativas podemos participar ativamente na construção de uma nova postura frente ao universo educacional. Nesse ínterim, por exemplo, a escola é um lugar em que outro aspecto do racismo floresce e se desenvolve, cresce e contamina muito rápido, é o aspecto do racismo e mortes simbólicas. Essa forma de violência age, sobretudo, no sentido de produzir sofrimento e violência simbólica, matando direta ou indiretamente o ser.

Partindo da desproporção, da assimetria nas relações de poder entre os professores e alunos negros e não negros, e também produzindo sistemas de orientação identitário, em que esses estudantes não conseguem perceber a possibilidade do seu desenvolvimento, o racismo simbólico funciona de modo mais difuso. Elaborado, então, como uma rede de sentidos e significados barrados, interrompidos ou simplesmente negados e silenciados para os negros, em que esse tipo de violência simbólica embota o seu crescimento enquanto seres humanos. Desse modo, em muitos casos, a escola acaba contribuindo com a produção de um círculo vicioso de violência, expropriação, empobrecimento e morte.

## EDUCAÇÃO COMO REPRODUÇÃO DO ESTADO DE COISAS

A educação é, assim, o campo por excelência da formação subjetiva, já que aquilo que nos forma é também aquilo que aprendemos ou absorvemos. Dentro das escolas, também é possível observar poucos professores negros, mas muitas servidoras afrodescendentes. E por quê? Devemos questionar a escolaridade e oportunidades acadêmicas da população negra no Brasil. A escravidão deixou marcas, que continuam não cicatrizadas até os dias de hoje. Com a temática da escravidão também podemos refletir sobre os conteúdos passados aos alunos da educação básica.

Não é à toa a necessidade de uma lei que obriga a apresentação de temáticas de história e cultura africana e afro-brasileira de forma transversal (Lei n.º 11.645, de 10 março de 2008) nas disciplinas durante o ano letivo. Pela exclusão dos negros como cidadãos, durante muitos anos, também foi mortificada sua história, em que os resquícios dessa história são contados por brancos. Dessa maneira, vemos muitos heróis caucasianos, e muitos conteúdos focando somente no período escravagista, sem levantar representatividades pretas, heroínas ou independentes/livre; e quando há, são colocados como exceções, como ressalvas (ou, como rebeldes).

Quando o acesso à educação é barrado e as comunidades dessa população pobre e negra é deteriorada, por conta do racismo e exclusão, de forma programada, geram-se falta de conhecimento acerca dos direitos, falta de emprego, discriminação, e também, uma pretensão à criminalidade, tornando essas pessoas favoráveis ao cárcere (DAVIS, 2018). O descaso, o crime de racismo ou injúria racial, consequentemente, tomam conta de todos os espaços sociais, sejam eles virtuais ou face a face, que de alguma forma expressam a ideologia racista.

Outro aspecto vinculado à educação, em relação às instituições, que são resultado de uma estrutura já corrompida pelas tecnologias de poder, como o racismo. Muitas empresas e escolas estão criando ações afirmativas e inclusivas para pessoas negras, como as cotas raciais, para obtenção de bolsa. Porém, essas instituições fazem parte de um sistema no qual o racismo já está imbricado. Naturalizamos a desigualdade, pois somos constituídos para desassociar certos grupos sociais, tendo a normatização da exclusão. Logo, mais do que criar ações de integração, é preciso debater o assunto, tratar conflitos e ser antirracista.

## METODOLOGIA

Entendemos que, muito embora em escolas teóricas e em tradições teóricas diferentes, todos esses autores, à sua maneira, têm tratado de uma preocupação com relação à questão do poder. Todos compartilham trabalhos em torno de questões éticas e ético-políticas e também tem se preocupado com os modos pelos quais, na sociedade contemporânea, esses processos de politização, constituição subjetiva, ética e política, têm impactos críticos, especialmente para nossa possibilidade de existência subjetiva.

Desse modo, considerando isso, no contexto desse trabalho pensamos que todos esses autores, de certa maneira, participam do que entendemos como pensamento crítico. Dentro dessa tradição do pensamento crítico, várias outras tradições estão entrelaçadas e envolvidas, articulam-se e tem interlocuções teóricas e teórico conceituais, cada uma, a sua maneira. Respeitamos os elementos conceituais de cada uma dessas tradições, mas, ainda assim, queremos assumir esse risco de propor uma conversa conceitual.



Fazemos isso, pois entendemos que em alguns pontos essas preocupações se aproximam e isso pode nos ajudar a compor uma perspectiva sobre a realidade contemporânea e também a entrever possibilidades que queremos explorar.

Essa é uma pesquisa bibliográfica integrativa (GERHARDT & SILVEIRA, 2009), em que o objetivo central é discutir aspectos dos campos e processos educativos do Brasil. Partimos de um entendimento de que as estruturas da institucionalidade da educação podem ser apropriadas e contaminadas. Essa fragilização e desvio das suas finalidades e responsabilidades sociais podem acabar tornando-a uma instituição que repercute e reproduz discursos e práticas violentas e racistas (SILVA, 2022).

Os principais objetivos deste trabalho são descrever e delinear conceitualmente alguns aspectos de conceitos-chave no pensamento, principalmente, de Foucault (1979;1988; 2005; 2008a/b; 2010), Mbembe (2017a/b; 2018) e Adorno (1982). Explorar o modo como estas interlocuções podem indicar questões sobre a educação no Brasil, elaborar, em alguma medida, um entendimento possível desse panorama, com o qual possamos pensar os desafios futuros e, por fim, mas não menos importante, explorar alguns prismas e vislumbres de possibilidades nesse campo educativo.

Para melhor organização do estudo, criamos algumas seções. Primeiramente, em Educação como forma de subjetivação das relações de poder, apresentamos a conjuntura atual da escola e como ela pode contribuir para a repercussão de discursos de ódio e barbárie. Já na segunda seção, Racismo como tecnologia política, destrinchamos a hipótese elencada e articulamos algumas noções como biopoder em Foucault e necropolítica com Mbembe. Por fim, na terceira divisão deste estudo, Educação (est)ética: imaginar o inimaginável, apresentamos e discutimos algumas perspectivas conceituais, com apoio de Adorno (1983, 2009) e Da Silva (2019, 2021, 2022), sobre o papel de uma educação (est)ética, especialmente no horizonte atual.

## ANÁLISE DE DADOS

### *Racismo como tecnologia política de poder*

Para Michel Foucault (2004; 2005; 2008a; 2008b) o poder só pode ser compreendido por meio de relações sociais, pela lente histórico-espacial/temporal. Com visão apurada à realidade e aspectos de poder envolvendo raça e classe, Foucault faz uma explanação geral acerca do tema para melhor entendimento. Nas palavras do filósofo:

[...] tentarei retomar a teoria da guerra como princípio histórico de funcionamento do poder, em torno do problema da raça, já

que é no binarismo das raças que foi percebida, pela primeira vez no ocidente, a possibilidade de analisar o poder político como guerra. E tentarei conduzir isso até o momento em que a luta de raças e luta de classes se tornam, no final do século XIX, os dois grandes esquemas segundo os quais [tenta] situar o fenômeno da guerra e as relações de força no interior da sociedade política (FOUCAULT, 2005, p. 26, grifo do autor).

Como destaca o autor, reconhecer o caráter histórico e político da guerra, como um instrumento de desdobramento e ação política, significa, entre outras coisas, entender o modo como a produção do racismo deixa evidente as estruturas sociais e econômico-políticas e também que a raça e o racismo são ficções e discursos, que funcionam como parte de dispositivos sociais de repressão.

O autor, em *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber* (1988), já identificava que o poder se concretizava por meio do soberano, pelo direito de matar. Esse poder só poderia ser exercido pelo soberano quando sua própria existência fosse, em hipótese, colocada em risco. Assim, ele poderia, legitimamente, determinar o destino das vidas dos súditos para atuar em sua própria defesa (FOUCAULT, 1988, p. 147).

O bipoder tem ação sobre a população por meio de dispositivos de segurança, programados para disciplinar, normalizar e controlar os riscos à população. Logo, esse mecanismo exerce poder à população e “garante segurança”. O racismo, então, se constitui como tecnologia política deste poder exercido, fragmentando a sociedade e diluindo as raças em boas ou ruins.

Não entendemos o racismo sem entendermos a sociedade. Ele é uma forma de discriminação com a raça como alvo, e se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes. Funciona como um conjunto de hábitos, situações ou falas, embutidas em nossos costumes, que promovem direta ou indiretamente o preconceito e a segregação racial. Historicamente, o racismo foi desenvolvido como parte do aparato ideológico, bélico e político da colonização, entre os séculos XVI e XVII. Conforme Mbembe,

O racismo consiste, pois, em substituir aquilo que é por algo diferente, uma realidade diferente. Além de uma força de deturpação do real e de um fixador de afetos, é também uma forma de distúrbio psíquico, e é por isso que o conteúdo recalcado volta brutalmente à superfície (MBEMBE, 2017, p. 69)

Dessa maneira, como salienta Mbembe (2017), o racismo é também, além de uma ferramenta que distorce, modifica e adultera o campo simbólico para produzir essa falsificação da realidade preenchida de uma ideologia, essa função de tecnologia política fundamentada na violência. Não diz respeito

somente a relações de poder, mas a subjetivação dessas relações de poder, ou seja, ele sinaliza alguma coisa mais profunda, mais subterrânea que passa, principalmente, nossa constituição subjetiva do ponto de vista psíquico. Além disso, o racismo também significa a produção de uma forma de doença social, ligada sempre a repressão, recalçamento e ao retorno desse conteúdo recalçado, o que nos dois casos significa exploração, formas de marginalização e violência.

A tecnologia da raça se configura como classificadora do lugar dos indivíduos, dos grupos, de maneira conformar e normatizar a desigualdade. O racismo é uma tecnologia de exercício de poder que decide quem vive e quem morre, feito pelo recorte político e ideológico criado (MBEMBE, 2018). Se apresenta como um mecanismo complexo, que cria vulnerabilidade e poder, sendo um motor de violências.

Dessa maneira, por um processo histórico e estrutural, a negritude é vista como um perigo em geral para a vida da sociedade e, como tal, deve ser controlada, utilizada e, se for o caso, eliminada. Essa construção de um inimigo é que possibilitará sua eliminação, tendo em vista que ele pode representar uma ameaça a determinada raça. Em que “a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que deixará a vida em geral mais sadia. Mais sadia e mais pura” (FOUCAULT, 2010, p. 215).

Nesse sentido, cria-se a possibilidade de eliminar vidas de forma normalizada, sendo o racismo, umas das tecnologias a serviço da biopolítica. O racismo, diz Foucault, “é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano” (FOUCAULT, 2010, p. 217).

Como Mbembe conceitua:

[...] racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “este velho direito soberano de matar”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para aceitabilidade do fazer morrer” (MBEMBE, 2018, p. 18).

O genocídio e extermínio seletivo da população negra são um dos pilares da necropolítica. Essa regulação da distribuição da morte, não apenas coloca as populações mais vulneráveis, no caso do Brasil, pretos e pobres, em situação análoga a de objetos e produtos de uma linha de montagem, mas também evidencia a lógica mercadológica e financeira de fundo na nossa sociedade. Este tipo de morte não se apresenta de forma surpreendente, mas já se tornou comum, normalizada. E, por isso, o poder necropolítico pode rodar ciclos sem fins de mortes de pessoas negras e pobres. Em larga medida, o racismo é o motor do princípio necropolítico (MBEMBE, 2017).



Mbembe vai além dos conceitos Foucaultianos em relação ao poder, sugerindo as noções de Necropoder–Necropolítica. Usa os estudos de Foucault para analisar e complementar, os conceitos já formulados e a realidade cotidiana. Assim, o poder tem ação sobre a vida, é exercido para a morte, também, com a possibilidade de que qualquer um pode ser ou se tornar “soberano” e decidir pela morte do outro; ou permitir uma relação positiva com a morte de outrem.

Nesta discussão, a morte não é colocada somente como física, mas de sentidos, intelectual, oportunidades e uma mortificação do ser, morte de identidades da população negra no processo educacional; uma morte simbólica, que, conseqüentemente, pode levar à morte real, e também faz parte da necropolítica e das tecnologias de poder. Geralmente, os programas de televisão e desenhos mostram muitos personagens brancos, sendo os protagonistas ou heróis. Esta realidade vem mudando ao longo dos anos, pelos remakes e live actions, mas há ainda um longo caminho a ser seguido. Além disso, a mídia e programas de televisão inserem personagens negros, em sua grande maioria, como marginais ou criminosos. Silvio Almeida em *Racismo Estrutural* disserta sobre essa ação midiática, que gera medo e exclusões:

[...] e o inimigo, aquele que deve ser eliminado, será criado não apenas pelas políticas estatais de segurança pública, mas pelos meios de comunicação de massa e programas de televisão. Tais programas servirão como meio de construir a subjetividade adaptada ao ambiente necropolítico em que impera o medo. (ALMEIDA, 2021, p. 122)

Em meio à essas ações midiáticas e ideológicas, surgem também os estereótipos excludentes. Em um caso de roubo na sala de aula, as suspeitas começam pelas pessoas de cor mais escura, em que os negros e pobres seguem como primeiros investigados e “culpados”. Todas essas situações ocorridas de forma “natural” na sociedade, geram exclusão e racismo. Muitas vezes, interferindo diretamente no ensino, pois estes alunos acabam sendo deixados de lado na formação de grupos e execução de trabalhos acadêmicos.

## DISCUSSÃO

### *Educação (est)ética: imaginar o inimaginável*

Até aqui pudemos explorar um pouco um entendimento de que a sociedade tem processos, dinâmicas, redes e estruturas de reprodução e produção da subjetividade. Além disso, sinalizamos que a educação é uma entre várias das instâncias dessas instituições sociais e práticas sociais, na qual a subjetivação das relações de poder se transforma em exercício ético–político concreto.

Seguindo nessa lógica, queremos explorar, ainda que brevemente, algumas possibilidades (conceituais) que entrevemos no campo estético-educativo.

Primeiramente, é importante sinalizar que o campo do estético não diz respeito simplesmente ao âmbito da arte (SATIE, 2014). Muito embora tenhamos consolidado um certo entendimento, mais ou menos de senso comum na academia, da estética como filosofia da arte, na realidade a educação estética pode ser bem mais que isso. Especialmente, quando pensamos nela enquanto uma epistemologia, uma maneira de apreender a realidade, concepção de modos de produção de sentido e processos de elaboração de sentido.

Desse modo, como sugerem (STIE, 2014; SCHAEFER, 2012) a estética vai muito além do campo da arte, se estendendo como algo que faz parte propriamente dos elementos que constituem a nossa percepção, os critérios do desenvolvimento dessas nossas percepções e, portanto, ela é um elemento importante no processo de formação subjetiva. Nesse ínterim, ela é um elemento essencial, pois dentro do estético outros conceitos podem desempenhar um papel chave. Podemos inserir outros conceitos que vão além do campo da arte, que ultrapassam um entendimento interpretativo das obras de arte ou dos processos históricos de produção da arte e o papel propriamente da obra de arte na sociedade, compondo uma epistemologia crítica e dialética que pode ultrapassar esses limites pensando para além desses elementos, pensando outras questões no campo da percepção e da própria produção subjetiva.

Nesse espectro, em torno do sujeito, essa atmosfera do campo de produção e da tópica subjetiva, diz respeito às vivências e as experiências perceptivas, que são como núcleos da própria constituição, e da própria consolidação da base do que são os processos de formação subjetiva na nossa sociedade contemporânea. Dessa forma, esse é o primeiro elemento a se destacar: que a estética significa pensar a experiência, a vivência e a expressão subjetiva (DA SILVA, 2019; LASCH, 2021). Pensar essa dialética de experiência e expressão como um núcleo essencial da formação subjetiva, que diz respeito não só as imagens cognitivas, ou seja, não se trata apenas de cognição, mas também, das imagens psicológicas, afetivas, emocionais, entre outras e, portanto, ético-políticas.

Por isso é importante salientar que a educação esteticamente orientada é pensada a partir de uma racionalidade estético-educativa; compreendendo um arco que vai desde a experiência estética, passando pelas implicações epistemológicas e, portanto, pelos impactos e transformações éticas e, finalmente, as consequências políticas, político-sociais, socioeconômicas e sócio-históricas, que vão retornar de para a constituição dessa atmosfera de base para alimentá-la com novas formas de possibilidades de um imaginário ético-político, dando a tônica de novas experiências e vivências, reinscrevendo e reiniciando o ciclo de processos de formação subjetiva.

É necessário entender a estética para além daquilo que seria, propriamente, a poética ou a mimética, para além daquilo que são os tópicos usualmente entendidos como os tópicos da arte na cidade. Nessa ampliação, vamos articular então

elementos da psicanálise e da sociologia, da filosofia, da política, entre outros, os elementos que são entrelaçamentos, atravessamentos e relações complexas. Relações, conexões e encadeamentos, que ligam as instituições sociais, as práticas sociais e o campo social como uma dinâmica intersubjetiva com a dimensão mais interna da formação do sujeito, como um processo análogo à própria sociedade.

De certa maneira, entre outras coisas, significa entender outra noção de sujeito, uma teoria social diferente, baseada no pensamento crítico. Contudo, também significa entender outra terminologia, epistemologia e metodologias novas. Basicamente começando por reconhecer a demanda estética, epistêmica, na qual o sujeito, enquanto tal, se dá como um processo de evanescimento e de resistência a essa de subjetivação ou transubstanciação na forma de seus processos de consolidação de elementos de produção sentido. Ou seja, o sujeito enquanto tal é uma dinâmica que diz respeito ao retorno desse processo e dessa dialética da experiência da expressão subjetiva, como dimensões, relações todas entrelaçadas.

Podemos então propor eixos, que sinalizam o modo como essas dinâmicas se inter-relacionam, sinalizam para o que pode ser um entendimento da subjetividade e dos processos sociais e, portanto, do que seria uma educação voltada a orientada esteticamente. Pensada a partir de uma racionalidade estética, de uma epistemologia que lide com certos elementos da possibilidade, da necessidade e das condicionalidades, que possa lidar com às três dimensões, sem perder nada dos seus elementos metodológicos.

Isso significa, entre outras coisas, que essa (est)ética pode criticar-se a si própria, coligar e constelar os processos necessários para a construção de critérios conceituais e metodológicos. Ela não perde nada, em seriedade ou rigor, porque considera a imanência do objeto (nesse caso o sujeito), pois opera sem desconsiderar aspectos importantes dos processos por meio dos quais o sujeito se constitui e também através dos quais ele vai então se reproduzir socialmente.

Como descreve Adorno (1982), a experiência estética desmonta e desfaz o feitiço (ideológico) da autoconservação e assim, entre outros motivos, ela pode ser modelo de um “estado de consciência em que o eu deixaria de ter a sua felicidade nos seus interesses, por fim, na sua reprodução” (ADORNO, 1982, p. 525). De certa forma, aquilo que a experiência estética prepara é o momento da sua autossuperação. Como aquilo de que ela trata se transmuda no processo de experimentação e necessariamente se transfere para outro plano na forma de implicações epistemológicas, a própria experiência anuncia suas limitações e seu modo de funcionamento, indicando que a transcendência, dos elementos miméticos, é forma da aparência, para a consciência dos sujeitos, da sua imanência, como conteúdo de verdade, por meio do qual ela se restabelece.

Partindo desse entendimento Adorniano, podemos perceber um certo elemento, digamos assim, um certo aspecto ou caráter crítico e dialético da

estética. A experiência estética tem o seu potencial dialético. Por consequência, uma educação esteticamente orientada pode ter um aspecto crítico, dialético e negativo. Um caráter que demanda sempre uma certa abertura, uma autoconsciência do seu inacabamento, do desconhecido e para uma negatividade fundamental de ambos: sujeito, sociedade e experiência.

Essa negatividade imanente da contradição, do próprio movimento dialético, pode ser muito benéfica para o processo educativo e para própria formação subjetiva, orientando reflexivamente seu próprio desenvolvimento. Nesse sentido, a experiência estética tem esse potencial, a possibilidade de manutenção, mas também de autossuperação subjetiva.

Desse modo, como tratado por Silva *et al.* (2021) o potencial educativo dela não se limita só aos aspectos epistêmicos. Ela é importante não só porque pode colocar uma modalidade nova de aprendizagem ou de produção do conhecimento. Esse é um potencial que pode ser explorado, mas a questão, no contexto desse texto deste trabalho, são principalmente os aspectos das consequências éticas e ético-políticas que podem advir desse tipo de experiência numa educação dentro desse registro estético.

“A importância de analisar a “estética de nossa formação” é que ela nos forma esteticamente. Quer dizer, forma uma determinada consciência e sensibilidade através das imagens, das performances e dos discursos que articula” (FARINA, 2011, p. 101, grifo do autor). Ou seja, no ponto em que todos nos tornamos consumidores e produtores de conteúdo, podemos provocar um curto-circuito. Paradoxalmente, aqueles esquemas que capitalizam, de diversas formas, nossos desejos, libido, punções etc., tornaram-se também os mecanismos por meio dos quais podemos experimentar nossa outridade e vivenciar esteticamente a possibilidade de um entendimento autorreflexivo da nossa própria subjetividade. Nesse sentido, a estética pode ser um meio, um caminho, isto é, veículo e repositório dos desenvolvimentos de uma experiência estética ou educativa esteticamente orientada, o que, dessa maneira, teria então um cenário favorável para o desenvolvimento de processo de imanência crítica e de uma autoconsciência subjetiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão central nesse escrito foi o problema do racismo enquanto tecnologia política de poder e suas interlocuções com o campo educativo. Mostramos alguns aspectos de noções como biopoder e poder no pensamento de Foucault e o conceito de necro-poder e necropolítica por Achille Mbembe, tentando entender de que modo as articulações e o diálogo entre esses autores podem contribuir para um entendimento do racismo. Mais particularmente como essa interlocução pode nos ajudar a entender de que maneira a educação, e a escola, pode ter um papel de protagonismo no sentido de solapar a lógica do racismo estrutural e simbólico mobilizando abordagens esteticamente orientadas.

Buscamos desenvolver e explorar uma leitura e um entendimento que aumente simultaneamente o aprofundamento no tema e permitindo a abertura dialética para entrever outros contrastes, especialmente no que diz respeito à escola e sua contribuição na luta antirracista. No contexto atual, o que vem acontecendo é exatamente o perscrutamento dessa violência; aumento do risco da violência e do empobrecimento, o avanço de uma brutal concentração de renda e de riqueza acompanhados da segregação social, baseada, entre outras coisas, sobre essa tecnologia do racismo.

Nesse âmbito, ele é uma tecnologia política, que se fundamenta não só nos processos históricos, sociais, econômicos e políticos – estruturais, mas também em outros aspectos, mais culturais, simbólicos e discursivos, que dizem respeito à produção de mentalidades, de discursos e de possibilidades de ter voz. Além de mitigar a possibilidade de contar a própria história e construir a própria identidade. O racismo também funciona dentro desse campo do poder por meio da negação, desse interdito do discurso e das possibilidades subjetivas.

Dito isso, é muito importante que possamos tentar entender e elaborar estratégias para experimentar as interlocuções conceituais teórico-metodológicas, para tentar compreender de que maneira a sociedade funciona, especialmente nesse sentido da violência, das relações de poder, no racismo e da exploração.

Como mostramos, com o apoio de grandes autores, e também com o subsídio de pesquisas que vimos desenvolvendo nos últimos anos, a estética pode ser um caminho, uma abordagem teórico-metodológica e conceitual que auxilia na elaboração e no desenvolvimento de práticas educativas. Com ela podemos pensar em experiências educativas com um grande potencial transformativo, produtivo, criativo e pode auxiliar uma educação antirracista, antifascista, mas sobretudo fortalecimento das bases para o exercício do pensamento crítico. No nosso entendimento, esses são elementos fundamentais para resistência e reelaboração da possibilidade da formação subjetiva.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Notas sobre Literatura**. Obra completa. Madrid: Ediciones Akal, S. A, 2009.

ADORNO, T. W. **Teoría estética**. Madrid: Ed. Orbis, 1983.

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

CALHEIROS, V. C.; FERREIRA, L. S. A educação física e a pedagogia histórico-crítica: aproximações. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 21, p. e021028–e021028, 2021.

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. Selo Negro, 2015.



- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- FOUCAULT, M. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**; tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Rio Grande do Sul: Editora UFRGS, 2009
- LASCH, M. Sobre a atualidade de uma categoria estética: considerações a partir do estatuto de tragédia e trágico em Adorno. **Remate de Males**, v. 41, n. 1, p. 61-76, 2021.
- MBEMBE, A. **Políticas da inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017a.
- MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Ed. Antígona, 2017b.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- SATIE, L. Campos de força da estética de Theodor Adorno. **Philosophos-Revista de Filosofia**, v. 19, n. 1, p. 131-169, 2014.
- SCHAEFER, S. **A teoria estética em Adorno**. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.
- SILVA, A. S.; CANARIM, G. O.; CIPRIANO, K. Expressividades estéticas e decomposições imagéticas na educação. **Anais... Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos**, v. 3, 2019.
- SILVA, A. S. *et al.* A Experiência Estética na formação docente: Reflexões a partir de Theodor W. Adorno. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 16, p. 10206, 2021.
- SILVA, A. S. Um olhar de classe, “raça” e democracia para a educação em tempos difíceis. **Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 16, n. 29, p. 258-274, 2022.